GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL

GIVANILDO BISMY RIKBAKTA

EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DO POVO *RIKBAKTSA*

Barra do Bugres
2016

GIVANILDO BISMY RIKBAKTA

EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DO POVO *RIKBAKTSA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientadora: Prof.ª Ma. Isamar Valdevino Fróio Torres

Barra do Bugres
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

R549e RIKBAKTA, Givanildo Bismy.

Educação das crianças do Povo *Rikbaktsa* / Givanildo Bismy Rikbakta. – Barra do Bugres, 2016.

32 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profa. Ma. Isamar Valdevino Fróio Torres.

1. Cultura. 2. Educação Tradicional. 3. Povo *Rikbaktsa*. 4. Formação de Meninos e Meninas. I. Torres, I. V. F., Ma. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

GIVANILDO BISMY RIKBAKTA

EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DO POVO *RIKBAKTSA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 15 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof.ª Me Isamar Valdevino Fróio Torres
Professora Orientadora

_____
Prof. Me Isaías Munis Batista
Professor Avaliador

_____
Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini
Professor Avaliador

_____
Prof.ª Dr.ª Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

Barra do Bugres
2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha comunidade, porque sempre que eu pedia para eles me ajudarem, as pessoas se mostravam sempre prontas e ajudaram.

À minha esposa e a meus filhos, que sempre me apoiaram na conclusão dos meus estudos

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda comunidade *Rikbaktsa* onde eu pude fazer a pesquisa, pois as pessoas sempre estavam prontas para me ajudar com as informações para eu escrever este trabalho. O mesmo servirá para futuras gerações como fonte de pesquisa sobre a educação tradicional do povo *Rikbaktsa*.

E, com muito carinho, agradeço a minha esposa, Gesilene Aikdapaos, meus filhos, Gionivelton, Riquelmer e Hallifer Raelmer; todas as vezes que eu deixava eles na aldeia, via eles muito tristes ficando lá, mas, sempre me compreenderam.

Agradeço, também, aos meus pais, que sempre estavam ao meu lado, dando apoio para a conclusão do meu estudo. Sei que a minha família acreditou que eu pudesse realizar o meu objetivo, que era registrar uma pequena parte da história do povo *Rikbaktsa* neste trabalho sobre a educação tradicional do povo *Rikbaktsa*.

Sabemos que temos a capacidade suficiente de registrar a nossa própria história de acordo com a realidade de como era a educação tradicional do povo.

Ainda agradeço o meu sogro, professor Paulo Henrique Martinho Skiripi.

EPÍGRAFE

Cada povo indígena tem sua própria maneira de educar, tem espaços e tempos onde as crianças e adultos aprendem, compartilham a sabedoria, atualizam e constroem os conhecimentos.

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada na Aldeia Barranco Vermelho, na Terra Indígena Japuíra, Município de Brasnorte-Mato Grosso. Totalizando cerca de 1500 pessoas, segundo seu mito de origem, se originaram de um peixe chamado cará, são falantes da língua Rikbaktsa, do tronco linguístico Macro-Jê e se organizam, basicamente, em dois clãs: Arara Cabeçuda e Arara Amarela. Atualmente, os jovens estão deixando um pouco as práticas da cultura tradicional do povo mais em segundo plano e muitos *Rikbaktsa* têm pouca noção de como era a educação das crianças antigamente, assim, não conhecem informações sobre de quem era a responsabilidade de educar as crianças e principalmente como esses meninos e meninas eram educados. O objetivo deste trabalho é demonstrar a importância da educação tradicional do povo *Rikbaktsa*. Descrevo sobre como era a educação tradicional e como está sendo a educação dos meninos e das meninas Rikbaktsa hoje em dia. Para realizar a pesquisa, entrevistei alguns anciões do povo que me passaram as informações sobre a educação tradicional. Com esse registro, quero contribuir para a valorização da cultura tradicional do meu povo e incentivar a comunidade a respeitar a importância da manutenção das formas tradicionais de transmissão de conhecimentos culturais. Como principal resultado, compreende-se que estudar sobre a cultura do povo é fundamental para fortalecê-la, mesmo que se use o ambiente da escola como forma para tal fim.

Palavras-chave: Cultura. Educação tradicional. Povo *Rikbaktsa*. Formação de meninos e meninas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mulher Rikbaktsa, de antigamente, com sua criança, aos seus cuidados 10

Figura 2 - Mapa dos municípios onde habitam os *Rikbaktsa* destacando a Terra Indígena Japuíra 11

Figura 3 - Homens Rikbaktsa dançando e cantando em frente à casa tradicional 13

Figura 4 - Professor em sala de aulas com alunos em escola do povo Rikbaktsa 14

Figura 5 - Homens *Rikbaktsa*, de antigamente, fazendo suas atividades acompanhados pelos meninos da aldeia 16

Figura 6 - Meninos fazendo barragem no córrego para pegar peixe 17

Figura 7 - Casa tradicional, na nossa língua *Mykyry* 18

Figura 8 - Menino Rikbaktsa fazendo xiri para carregar peixinho 19

Figura 9 - Meninas acompanhando as mulheres nos afazeres: momento de aprendizagem 22

Figura 10 - Menina assando peixe na folha 23

Figura 11 - Anciãs ensinando meninas a fazerem panelas de argila 23

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **11**

CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO TRADICIONAL *RIKBAKTSA* **17**

1.1 Educação das crianças Rikbaktsa 17

1.2 Educação tradicional do menino 18

1.3 Educação tradicional da menina 21

1.4 O caminho para o casamento 24

1.5 Regra da educação tradicional 25

1.6 A educação de hoje em dia 25

CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO ATUAL DOS RIKBAKTSA **26**

2.1 Situação atual da educação Rikbaktsa 26

2.2 A educação escolar indígena 27

2.3 A legislação como mecanismo de preservação da Educação indígena 28

CONSIDERAÇÕES FINAIS **30**

REFERÊNCIAS **31**

Figura 1 - Mulher Rikbaktsa, de antigamente, com sua criança, aos seus cuidados

Fonte: desconhecida, s/d

APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi elaborado a partir de pesquisa realizada com anciões na comunidade Aldeia Barranco Vermelho, e ainda contou com consultas a livros e textos publicados em sites disponibilizados na internet. O objetivo é de ajudar o povo a não perder a cultura de forma a reforçar os conhecimentos sobre como eram educadas as crianças tradicionalmente e assim prevalecer essa tradição no presente e no futuro

O povo *Rikbaktsa* se encontra habitando no Estado de Mato Grosso, nos municípios de Brasnorte, Juara e Cotriguaçu. Também são conhecidos como o povo canoeiro, porque andam muito de canoa, (utilizam-na para a pesca e outras atividades).

Figura 2 - Mapa dos municípios onde habitam os *Rikbaktsa* destacando a Terra Indígena Japuíra

Fonte: www.google.com.br/maps/place/brasnorte, 2016

Sobre o mito de origem do povo *Rikbaktsa*, não há uma única versão, mas a versão mais conhecida é a que narra o povo surgindo de um peixe chamado cará. Até os dias atuais nós, *Rikbaktsa*, acreditamos e é contado para as crianças que nosso povo veio desse peixe.

Conforme a narrativa do mito, antigamente, todos os animais falavam, quer dizer, já existia vida, mas existia pouco alimento. Até aí os homens utilizavam arco e flecha para caçar, cercavam os animais e vinham fechando a roda, até matar o animal. Naquele tempo, todos os povos viviam juntos e não havia separação entre os povos e também não havia doenças. Esse tempo se prolongou por muitos anos, que não sabemos por quanto tempo exatamente, mas,

sabemos que este período durou muito. Segundo o mito que acreditamos, antigamente quem trabalhava na roça eram as mulheres.

Hoje, a população Rikbaktsa é composta por 1471 pessoas, segundo os dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI, 2016). São 34 aldeias distribuídas em toda a área das Terras Indígenas Japuíra (Juara), Escondido (Cotriguaçu), *Erikbaktsa* (Brasnorte). Todas elas ficam à margem do rio Juruena que é o principal e também às margens dos rios do Sangue e Arinos. A língua falada pelo povo *Rikbaktsa* tem o mesmo nome e é do tronco linguístico Macro-Jê.

O povo *Rikbaktsa* ainda mantém muito de suas tradições, como a furação do dente de onça. A furação de dente de onça acontece quando uma pessoa mata uma onça e arranca só o dente para fazer colar. Quando a pessoa vai furar o dente da onça ela não pode derrubar no chão porque os nossos anciões acreditam que quando o dente cai da mão de uma pessoa uma outra onça passa a perseguir a pessoa que derrubou o dente no chão. É somente homens que furam os dentes e tem que ser de madrugada, quando as crianças não estão acordadas, assim elas não vão atrapalhar.

A furação de dente da onça é um ritual especial, e somente as pessoas com mais experiência de vida, como os anciões, é quem pode fazer a furação, mas os jovens podem acompanhar. Há também a festa do milho verde, entre outras. O povo preserva muito o meio ambiente, não vendem madeira e nem fazem a extração de minério, que estão nas suas terras. O meio ambiente para o povo *Rikbaktsa* é muito importante visto que é através dele que tiram o seu sustento, como a caça e a pesca.

O cacique da aldeia faz toda a organização do povo Rikbaktsa, ou seja, é ele quem chama a todos para as reuniões ou ainda para algum evento que ocorrerá na comunidade. Então pede para que o povo se organize e distribui os trabalhos para que cada um faça e assim o ancião determina o tempo de entrega para o trabalho pronto. O povo Rikbaktsa é organizado desta forma.

A forma de sobrevivência de povo *Rikbaktsa* é através de extração de castanha do Pará, sendo que na época da colheita todos os homens e mulheres vão buscar a castanha para ter a sua fonte de economia e sustentar a sua família. Os homens vão ao mato junto com as mulheres, mas as crianças só vão ao mato quando estiverem com 14 anos, já que está grande o suficiente para aguentar carregar a castanha. Eles vão para o mato para a retirada da castanha, mas quando não tem a castanha para colher, fazem outras atividades para sobreviverem como: confecção de artesanatos, plantação de roça, caçadas, pescarias, entre outras.

O povo *Rikbaktsa* também é coletor. Os alimentos tradicionais coletados são principalmente frutas do mato além de cultivarem mandioca, cará, batata e outros. Há ainda um rio que passa próximo a aldeia de onde o povo da comunidade tira também peixes para sua alimentação.

Também os *Rikbaktsa* valorizam muito as tradições, que são muito fortes na comunidade. Pratica a dança tradicional que é quando uma pessoa da comunidade, ou seja, o cacique faz a festa porque têm muitas plantações em sua roça e convida as pessoas para participarem dessa festa, a qual dura de 3 a 4 meses, mas isso depende da época que será a festa. O canto e os rituais também fazem parte das apresentações nas danças tradicionais. A dança tradicional é quando todas as pessoas se pintam; cada pessoa tem seu artesanato para esta festa ou, muitas vezes, emprestam o artesanato de outras pessoas para dançar com a flauta.

Figura 3 – Homens Rikbaktsa dançando e cantando em frente à casa tradicional

Fonte: Idinei Zotsitsa, 2015

Durante a festa só consumimos comidas e bebidas tradicionais. Durante o canto tradicional, cantam muitas músicas, pois acreditam que é isso que nos fortalecem e nos caracterizam como uma etnia indígena.

O tema escolhido para minha pesquisa foi sobre a educação das crianças do povo *Rikbaktsa*, destacando como era a educação de meninos e meninas antigamente. A pesquisa busca, ainda registrar quem educava as meninas e quem ficava com a responsabilidade da educação dos meninos.

Eu escolhi este tema porque a maioria dos jovens do nosso povo *Rikbaktsa* não tem mais a noção de como era a educação das crianças antigamente, de quem era a responsabilidade de educar as crianças e principalmente, como esses meninos e meninas eram educados tradicionalmente. Este tema vai ajudar muito a minha comunidade e também em sala de aula. No conhecimento da educação tradicional, quando os pais, antigamente, não tinham escolas, mas sabiam o que era certo e errado para as crianças e que hoje não usamos mais este tipo de educação, mas através desta pesquisa poderei passar as informações e relembrar para a juventude de como é importante a nossa educação tradicional. E, ainda, este trabalho poderá contribuir com a própria juventude que, parece, estar se casando e não sabendo as regras tradicionais para este fim.

Acredito que este tema vai deixar registrado a nossa verdadeira educação para as futuras gerações, visto que, também poderá ser repassado em sala de aula para que nossos alunos tenham conhecimento da nossa cultura que, em muitas situações, está sendo deixada de lado.

A pesquisa foi feita através de entrevistas com anciãos da aldeia porque essas pessoas sabem tudo sobre o passado do nosso povo e também com a comunidade, através de relatos, fotos de pesquisa bibliográfica. A pesquisa foi realizada na terra indígena *Erikbaktsa* que fica no município de Brasnorte nas aldeias: Barranco Vermelho, Primavera, Beira Rio, Boa Esperança, Divisa e outras aldeias mais próximas onde estão as pessoas mais idosas.

Caracterização da Aldeia Barranco Vermelho

Na comunidade da Aldeia Barranco Vermelho têm duas escolas, uma municipal e outra estadual. A importância da escola para a comunidade é que os jovens tenham um futuro melhor e que possam defender a comunidade em cima da lei.

Figura 4 – Professor em sala de aulas com alunos em escola do povo Rikbaktsa

Fonte: Idnei Zotsitsa, 2015

Na escola estadual tem 26 alunos matriculados e somos em 5 professores e nesta escola tem 3 turmas do ensino médio e os professores são todos da comunidade mesmo. Já na rede municipal tem 3 professores, lembrando que os professores que trabalham no estado, também trabalham no município. Na escola municipal há 50 alunos, matriculados do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Todos os professores são indígenas e somente um mora em outra aldeia, mas ele vem todos os dias para trabalhar.

A comunidade conta ainda com agentes de saúde trabalhando no atendimento da comunidade, e os mesmos são indígenas da própria comunidade. A importância dos agentes de saúde é que eles cuidam das crianças que estão doentes e fazem o encaminhamento para o hospital, quando a doença é muito grave.

Outro aspecto importante do meu povo é o fato de as pessoas pescarem também para venderem na própria aldeia mesmo, para quem tem trabalho e pouco tempo tem para pescar. Há famílias que vendem coisas da cidade na aldeia para ter outra fonte de renda, como por exemplo, refrigerante, bolacha, etc.

Nesta aldeia também conta com fornecimento de energia elétrica, assim, podemos ter aparelhos eletroeletrônicos, de modo que acessamos informações que fazem com que as pessoas fiquem bem informadas, como sobre os concursos e também é possível se ter acesso de

informações pela internet. A internet é da escola (SEDUC), entretanto, a utilizamos para as informações que muitas vezes são repassadas para a comunidade.

A aldeia fica numa distância de 95 km da cidade de Juína e a 115 km de Brasnorte.

Figura 5 - Homens *Rikbaktsa*, de antigamente, fazendo suas atividades acompanhados pelos meninos da aldeia

Fonte: desconhecida, s/d

CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO TRADICIONAL *RIKBAKTSA*

Tratamos neste capítulo de apresentar o que levantamos com anciões das comunidades, de modo a discutir a educação tradicional do povo *Rikbaktsa*, tanto para os meninos quanto para as meninas.

1.1 Educação das crianças Rikbaktsa

A educação tradicional do povo *Rikbaktsa* é feita pelo pai e pela mãe da criança, mas também recebem ajuda da anciã mais velha da aldeia, visto que é ela quem tem o conhecimento mais profundo da realidade em que vivemos.

A educação do povo *Rikbaktsa* é dividida entre homens e mulheres. Os homens ficam com a responsabilidade de educar os meninos, e as mulheres com a educação das meninas.

Figura 6 - Meninos fazendo barragem no córrego para pegar peixe

Fonte: Givanildo Bismy 2015

1.2 Educação tradicional do menino

Antes do contato com os nãos índios, junto com os antepassados, os ensinamentos vinham da casa dos rapazes a *mykyry*. Ali os meninos de 6 e 7 anos já acompanhavam os pais para compreender o que acontece na casa dos rapazes. Então os meninos aprendiam muitas coisas da sua cultura, como fazer as flechas, por exemplo. Enquanto que os meninos faziam as flechas, o pai conversava sobre outros assuntos, e iam aconselhando sobre tudo, como orientando para eles não flechar os outros, não bater nem furtar as coisas dos outros e ter respeito com os idosos.

Figura 7 - Casa tradicional, na nossa língua *Mykyry*

Fonte: desconhecida, s/d

Os meninos aprendem com os mais velhos várias atividades, como já falei acima, entre elas, aprendem a fazer os cestos, que têm muitas utilidades, como os cestos para colocar os peixes quando vão fazer pescaria.

Figura 8 - Menino Rikbaktsa fazendo xiri para carregar peixinho

Fonte: Givanildo Bismy, 2015

Segundo Pudata (2003), os meninos recém-nascidos tinham sua orelha furada para colocar o brinco de pena, feito pelo pai. A mãe era a responsável para tirar e mudar o cordão da orelha até sarar. Depois que o rapaz completava de 10 a 15 anos, furava a orelha para colocar o batoque[1]. Era furado com espinho juntamente com uma folha de tucumã novo, e os cuidados com a orelha era de 1 a 2 meses até cicatrizar e o furo ir se adaptando com o batoque. O que faz crescer é o pauzinho com a palha de tucumã, enrolando, tirando e amarrando para poder alargar o furo, inicia-se com 5 cm até completar 1 m de comprimento de palha de tucumã.

O professor dá conselho ao menino orientando que não pode conversar com meninas nem com mulheres, para não arrebentar a orelha. A alimentação também tem um limite, não podendo comer para não encher a barriga, do mesmo pode que também não se pode comer comida quente, só depois que esfria. O professor o deixa por conta própria. Então ele troca a madeirinha toda a semana, é uma madeira especial, aí, termina a fase do rapaz.

A tatuagem dos homens pode ser feita antes da furação da orelha ou depois. Quando se faz a tatuagem dos homens iniciantes, somente os casais que podem riscar o peito, num lugar

[1] Batoque é um pequeno pedaço de madeira, feito especialmente para colocar no duro da orelha.

separado fora da aldeia, no mato. Antes de começar a tatuagem mede-se o tamanho do quadro no peito da pessoa.

Após a medição começar a fazer a tatuagem no peito. Essa tatuagem chama-se *mada*, que na língua rikbaktsa tem o significado de xadrez. A segunda tatuagem chama-se *wini*, com significado de gangorra, para a língua portuguesa. Depois de feito a tatuagem no peito dos homens, eles voltam para casa trazendo na cabeça uma folha de imbaúba e o professor junto com ele.

Só o professor de tatuagem pode arrumar um quarto para pessoa que fez a tatuagem, onde não há movimento de homens, mulheres ou crianças.

Enquanto a tatuagem não estiver cicatrizada, o professor da tatuagem vai orientando o menino sobre os impedimentos, como não comer alimentos quentes, para que a cor da tatuagem não desapareça. As visitas são feitas somente pelos casais que já fizeram tatuagem. Também só pode tomar chicha de batata roxa, de milho carijó.

Depois da tatuagem sarada o professor faz chicha de milho cru numa panela pequena e manda tomar essa chicha crua de milho, para ser vomitado na corredeira ou cachoeira, para limpar os males estomacais.

Na casa tradicional os jovens aprendiam a forma de autodefesa e sobrevivência na floresta. A leitura do tempo e o significado dos cantos das cigarras, os cantos dos pássaros e suas revoadas. Assim também, aprendiam que os insetos os animais, as plantas e os peixes, também têm seu tempo. Na floresta aprendiam a caçar, pescar, a fazer arco e flecha, o que sempre foi prioridade, principalmente na busca da auto sobrevivência e sustentabilidade.

Para a sua vivência no meio social, sempre foi ensinado sobre o seu comportamento, respeitando as outras pessoas, principalmente os seus parentes próximos como: pais tios, imãs, irmãos avós e todas as pessoas da comunidade.

Os mais velhos ensinavam a sempre defender o seu povo e ajudar a todos que precisam de ajuda, trabalhar para a sua auto sustentabilidade, com isso poderia sustentar a sua família quando casaria.

Recebiam orientações e conselhos para fazer roça e plantar, que sempre foi um desafio para os jovens, por que eles sempre tiveram que participar, porque só assim eles poderiam aprender a trabalhar sozinhos quando ficarem adultos. Caso contrário, cresceria preguiçosos, doentes e fracos, (podre) ou anêmicos, e isso para o povo não era bom. Se alguma casa tivesse algum jovem com esse tipo de doença, ele teria que tomar banho com remédio do mato.

Na casa dos homens, também, os jovens aprendiam a respeitar as coisas dos outros como, por exemplo, a não pegar as coisas dos outros sem pedir, a não pegar as coisas da roça escondidos, ou melhor, dizendo não roubar coisas dos outros.

O reconhecimento dos parentescos também sempre fez parte da educação tradicional indígena Rikbaktsa. Está sempre em primeiro plano o conhecimento do seu clã que é seu parente mais próximo no meio social. Lembrando que entre os *Rikbaktsa* existem dois clãs dominantes, a arara cabeçuda e a arara amarela, depois deste existe outros clãs como podemos ver no quadro 1.

Quadro 1 – Clãs *Rikbaktsa*

Mulheres/clãs	Homens /clãs
Makwaraktsa – arara amarela	Hazobiktsa – arara cabeçuda
Tsikbaktsa – arara vermelha	Umahatsa – figueiras
Bitsitsiktsa - bereci (frutas)	Tsuaratsa – macuco
Mybayknytsa – macuco	Tsawaratsa – coquinhos
Dururuktsa – onça preta	Boroktsa – arvore leiteira
Wohiyktsa – arara amarela (povo)	Zeohopyrytsa – jenipapo

Fonte: Organizado pelo autor, 2016

Este é um pouco da educação tradicional Rikbaktsa

1.3 Educação tradicional da menina

A menina fica com a mãe dentro de casa, e recebe a educação dela. A educação que a menina recebe é de como ela tem que ser comportar, por exemplo, não ficar no meio dos meninos, não roubar coisa de outras pessoas, e outros valores da cultura. Também ela aprende

a fazer panela de cerâmica, cozinhar, cuidar bem de filhos, entre outros comportamentos. Assim, de modo geral, era a educação tradicional da menina.

Figura 9 – Meninas acompanhando as mulheres nos afazeres: momento de aprendizagem

Fonte: desconhecida, s/d

A educação da menina começa primeiro na própria casa e depois os tios, tias, avós e avôs também ajudam na educação, e ensinam tudo que é preciso para a menina se formar uma mulher respeitadora dentro da cultura.

Quando estava mais mocinha, a mãe ensinava a cozinhar e fazer chicha. A mãe ensinava também a fazer colares e artesanato de penas, educavam também a respeitar os mais idosos e a todos, e ensinavam como partilhar com os outros.

Quando vão ficando mocinhas, as meninas começam a fazer algumas tarefas sozinhas, como cozinhar, cuidar da casa, assar peixe na folha, etc.

Figura 10 - Menina assando peixe na folha

Fonte: Givanildo Bismy, 2015

As mulheres mais experientes reúnem as mocinhas para ensinar como fazer os artesanatos e os utensílios do dia a dia, como as panelas feitas de barro. São vários tipos e tamanhos de panelas que as meninas aprendem a fazer. Este costume ainda persiste nos dias de hoje.

Figura 11 – Anciãs ensinando meninas a fazerem panelas de argila

Fonte: Givanildo Bismy, 2015

Depois que a menina atingisse a idade entre 11 a 13 anos, a mãe mandava fazer tatuagem ao redor da boca, quando a própria mãe conversava e combinava com uma pessoa que sabia fazer a tatuagem e pedia para fazer na sua filha, porque iam várias meninas para fazer a tatuagem.

Enquanto as mães conversavam, as meninas se preparavam para tatuagem, e, depois de resolvido com a pessoa, as meninas estavam prontas; cada uma com sua peneira na cabeça, elas ficavam nas redes sentadas esperando o momento de serem tatuadas, aí a pessoa responsável começava a se preparar e preparar o material, que é a tinta, feita de uma mistura de leite de seringueira e castanha queimada, para pegar a cor da tatuagem, e tem que ser dente de cutia, não pode ser de outro bicho.

Depois de pronto, a pessoa começava o trabalho propriamente dito para a tatuagem: primeiro ele risca ao redor da boca das meninas com dente de cutia. Em seguida, passava a tinta no lugar que tinha riscado a face das meninas, então deixava secar e a menina não podia tomar banho. Depois de terminada a tatuagem, as meninas tampavam o rosto com a peneira (*dua*), bem fechada. Se a menina não usasse a peneirinha, a tatuagem ficava preta e com a peneirinha ficava com a cor normal. A tatuagem ficava tampava até cicatrizar.

Depois de tatuadas, as meninas não podiam sair de casa e só podiam ficar na sombra. Também elas tinham que ficar, mais ou menos, dois dias de jejum, quando só podiam comer um pouco e também comida fria. Se comesse comida quente a tatuagem não ficaria forte, podendo até sumir. Depois de cumprir as normas, a menina voltava a ter uma vida normal, mas a menina tinha que tomar muito cuidado com a tatuagem.

1.4 O caminho para o casamento

Ainda falando de educação tradicional do meu povo, vou relatar um pouco sobre o casamento tradicional.

Para o casamento, a menina não tinha idade certa, dependia da vontade dos pais. Muitas vezes, a menina e o rapaz eram obrigados a casar sem se conhecerem, às vezes dava certo e às vezes não.

A menina e o rapaz não podiam casar com a pessoa do mesmo clã, porque futuramente poderiam ter alguns problemas com os filhos como, por exemplo, um filho poderia nascer com alguma deficiência. Mas até hoje essas orientações são seguidas, pois não podemos casar com pessoas do mesmo clã. Então, é preciso escolher um namorado, ou uma namorada, que não seja

do seu clã. Essa é uma orientação que a mãe passa para a filha para que mais tarde ela não possa sofrer as consequências com os seus filhos.

1.5 Regra da educação tradicional

O menino é educado na casa tradicional e a menina é na casa da família. A menina não pode entrar na casa tradicional porque a casa tradicional é o espaço de uso só para os homens, pois é ali que o menino recebe todas as orientações, principalmente com seu pai, sobre como caçar, pescar, fazer flecha, derrubar as árvores para fazer a roça e plantar os alimentos para sustentar a sua família quando casar. Os alimentos que plantam são: mandioca, milho, batata doce, cara, arroz e entre outros. Esses alimentos são plantados pelo povo para futuramente alimentar os seus familiares para não depender de outras pessoas.

E as meninas são educadas com as mães. As mães vão ensinando as meninas ao mesmo tempo em que vão fazendo as suas tarefas do dia a dia.

1.6 A educação de hoje em dia

Hoje em dia os meninos já não têm mais a educação na casa dos rapazes - *mykyry* – que é a casa dos homens, onde recebiam toda a educação para futuramente casar com pessoas que não eram do seu próprio clã e saíam preparados dali para casar e sustentar a sua família.

O menino hoje fica na casa tradicional, mas, esta é uma casa como a escola onde os meninos ganham a educação do seu pai e aprendem a trabalhar, a caçar, a pescar, a fazer flecha e arco. Serve para fazer artesanato, reunião, preparação dos meninos para casar e aprender a trabalhar no futuro. E a casa tradicional era e continua sendo muito importante para a educação dos meninos Rikbaktsa.

CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO ATUAL DOS RIKBAKTSA

Este Capítulo trata da educação em tempos atuais entre os *Rikbaktsa*. Ao tratar deste assunto, discutimos alguns fatores que configuram o modo de educar, atualmente, bem como trata da educação escolar como um fator de formação do sujeito *Rikbaktsa*. Entretanto, ainda há espaço para educação tradicional, como esclareceremos.

2.1 Situação atual da educação Rikbaktsa

Hoje, a educação das crianças Rikbaktsa quase já não é mais feita como era antigamente, porque os pais jovens estão deixando a educação de suas crianças mais sob a responsabilidade da escola. E essa atitude dos jovens pais atrapalham na aprendizagem da criança, porque eles não ensinam como eram antigamente, ou seja, o homem ensinava o menino e as mulheres ensinavam a menina. Atualmente, quem tem a responsabilidade é a escola, mas os professores novos, que entram na sala de aula, também não passam os conhecimentos tradicionais do próprio povo, porque eles mesmos não têm o conhecimento e também não buscam o conhecimento tradicional. E assim, a criança vai crescendo e perdendo a cultura de seu povo, ficam jovens, casam e sem o conhecimento da cultura tradicional Rikbaktsa não tem o conhecimento de como era a nossa educação e não sabem quem vai ensinar os filhos, pois cada um tem a sua obrigação de ensinar.

A nossa comunidade hoje, praticamente, só depende do ensinamento do professor, porque acreditam que ele sabe tudo a respeito da nossa cultura. Mas o professor não tem esse conhecimento do passado, ou seja, não tem o conhecimento que as pessoas idosas têm e por isso não pode explicar na sala de aula para as crianças tudo sobre a cultura do nosso povo. Até porque, vale lembrar, a responsabilidade da educação tradicional seria da família.

Mas, ainda há, conforme pessoas das comunidades entrevistada, que conhecem a nossa cultura tradicional, principalmente com relação a educação das crianças Rikbaktsa, isto é, valorizam o conhecimento de que, numa família, as meninas quem deve educar é a esposa e o homem fica com a responsabilidade de educar os meninos. Desta forma, é muito importante que os jovens valorizem as pessoas de mais idade da comunidade.

Há quatro anos tínhamos os professores não indígenas, que era uma das argumentações de que não se tratava da educação tradicional na escola. Atualmente, temos apenas uma diretora que trabalha com os professores que desenvolvem trabalhos relacionados à cultura tradicional

Rikbaktsa, ou seja, respeitando muito bem a nossa cultura. É bom reforçar que esta diretora, que hoje está trabalhando na comunidade, também respeita muito a nossa cultura e ainda incentiva muito em relação a manter a cultura. Todos esses professores que passaram ou estão trabalhando conosco, eles nunca influenciaram a cultura deles. Eu mesmo vejo isso no meu conhecimento e por trabalhar na educação.

Sendo assim, o papel da escola é de ajudar a comunidade a preservar e fortalecer a cultura do seu povo, pois desta forma, podemos ter o conhecimento do mundo não indígena no qual os alunos buscam a melhoria de vida e principalmente ajudar a comunidade a buscar, a entender e compreender, mais das questões indígenas na educação e entre outras coisas também.

A educação indígena tradicional é ensinada muitas coisas da cultura, como detalhei no capítulo anterior, entre tantas outras. Até o presente momento ainda se ensina, que para nós é muito importante, porque com a proximidade dos não indígenas, o medo que temos é de se perder, é por isso que ensinamos na escola.

Se esta responsabilidade veio também para a escola quando antes era em casa que se aprendia, este não transfere a responsabilidade dos pais, a escola somente reforça o que os pais já fazem em casa. Com isso, temos certeza que não vai perder e estará sempre presente os nossos costumes que o povo *Rikbaktsa* sempre teve. Desta forma temos certeza que a nossa tradição sempre estará preservada.

2.2 A educação escolar indígena

A educação escolar indígena começou a fazer parte da nossa vida após o contato com a sociedade ocidental (os não indígenas), mas nada disso substitui a educação tradicional indígena. A educação escolar indígena é um complemento para autodefesa para o povo. Diante das violações dos direitos indígenas e suprimindo a tranquilidade do povo, a escola também teve que ser adaptada no meio social Rikbaktsa, de forma que se torna uma ferramenta para autodefesa a leitura e a escrita. Os registros realizados pelos próprios protagonistas étnicos se tornam nítidos a veracidade dos fatos étnicos de um povo. Por isso a importância da leitura e escrita.

Nesta situação é fundamental preparar os jovens para o futuro, sabendo que este leva tempo para se formar. Estas responsabilidades uniam comunidades aos profissionais da educação, saúde e outros profissionais das áreas especializados de acordo com as necessidades de cada povo. Portanto, nesta situação, os professores têm a total responsabilidade na formação

dos alunos, é por isso que os professores também devem estar preparados, assim temos certeza que os alunos também sairão preparados para serem cidadãos participativos e críticos.

Não esquecendo que na atualidade os nossos jovens têm outra visão de futuro que é o mercado do trabalho, e sua participação na vida política do nosso país. Falando em mercado de trabalho, muitos têm interesse em ocupar cargos públicos, elaborar projetos alternativos e econômicos, defender os direitos garantidos na constituição, os quais vemos que não estão sendo respeitados.

Sabemos que os desafios no mercado de trabalhos são grandes, então, nada melhor do que se preparar, somente assim podemos competir de igual para igual na área que serão formados. Com os conhecimentos adquiridos, os alunos vão tendo boa formação e as oportunidades de trabalho também vem junto. Com isso, a situação familiar também muda, inserindo outros itens que não faziam parte de nossa vida.

Isso muda também o sistema de vida de cada família. A manutenção se torna mais difícil porque envolve a questão econômica das famílias.

Nós, professores Rikbaktsa, trabalhamos incansavelmente preparando os jovens na escola para que possam também defender o povo e cuidarem corretamente do pouco de nossa terra que sobrou.

A educação escolar indígena não pode deixar em segundo plano a educação indígena, esta sempre deve estar presente. Reforço aqui que a educação escolar vai nos ajudar a defendermos o nosso Território.

Hoje, para defender as nossas terras, precisamos conhecer as leis, é ali que está escrito os nossos direitos. A nossa briga hoje não é mais como era antigamente, quando o nosso povo usava a borduna, o arco e flecha. Hoje temos que lutar usando o papel e a caneta. É por isso que a educação escolar indígena será a base na preparação dos futuros guerreiros, para a comunidade e interação no mundo na busca de um aprendizado que possa melhorias a nossa vida.

2.3 A legislação como mecanismo de preservação da Educação indígena

Sabemos que, atualmente, as comunidades indígenas estão tendo maior condições de agir em função de que a legislação ampara, principalmente, a educação, pois agora é possível inserir questões de valorização da cultura nas atividades escolares. Há uma preocupação no que se refere a preservação da identidade das comunidades indígenas. Para isso o governo criou leis

resguardando os direitos da criança e valorizando sua cultura. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, garante aos indígenas o acesso ao conhecimento proveniente de uma educação especializada, com programas e currículos específicos para a comunidade.

Compreendo que a educação indígena está cada vez mais sendo respeitada, mas ainda não da forma que nós queremos, isto é, precisaríamos que a SEDUC aceitasse os conteúdos que é a realidade da nossa cultura. A lei propõe que a educação seja diferenciada, mas quando colocamos os conteúdos diferentes da grade curricular existente, o sistema do Estado não aceita, assim não estamos sendo respeitados, na observância da lei que tem na Lei de Diretrizes e bases citada acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao terminar este trabalho, pude perceber o quanto o tema da pesquisa é importante para a permanência de determinados aspectos da cultura do nosso povo. O tema foi importantíssimo para mim, visto que serei futuro professor da minha comunidade, assim, poderei aprofundar mais com os pais da minha aldeia sobre o assunto e assim não deixaremos que a cultura morra.

Os objetivos foram alcançados e, porque não dizer, até superado visto que eu pude aprender muito com a pesquisa. Percebi que alguns traços das culturas estão desaparecendo ou se modificando rapidamente, portanto, a importância desse trabalho se justifica por tratarmos desses traços culturais ao passo que tentamos relacionar com a Educação Escolar

Chequei a conclusão que a cultura do meu povo é muito importante, que não deve morrer e, é claro, que cada vez mais tem que fortalecer; que a educação naquela época era muito mais na pratica e oralmente, porque assim as crianças aprendiam mesmo, e, principalmente, que quem educava eram os pais, ou seja, os familiares, não outras pessoas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tereza Cristine Cruz. **Educação indígena sob a tutela da legislação: o desafio da afirmação étnica e cultural.** In: VASCONCELO, J.G, SOARES, E.L.R, CARNEIRO, Isabel M.S.P. Entretantos: Diversidade na Pesquisa Educacional. Fortaleza, UFC, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,** n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Acessado em 16 de abril de 2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br. Arquivado em: Educação.

PETTENÁ, José Luiz. **Levantamento Hidrográfico** EPE. CREA Nº 0600219777 Data: 18/11/2010.

PUDATA, Arlindo. **Currículo Rikbaktsa**.- Povo Rikbaktsa áreas indígenas: Erikbaktsa, Japuíra, escondido equipe CIMI Juína- MT, 2003